

REVISTA

anave at

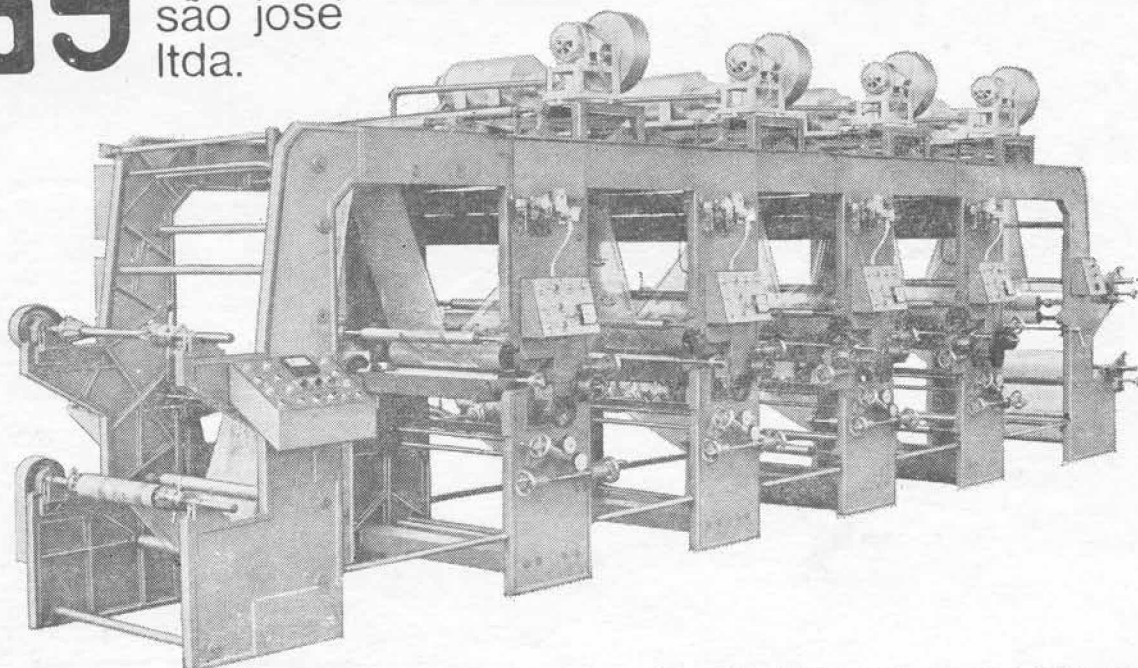
ORGÃO OFICIAL DE DIVULGAÇÃO DA

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS HOMENS DE VENDA
EM CELULOSE, PAPEL E DERIVADOS

ANO I — NUMERO 4 — AGOSTO 1973

99

máquinas gráficas são José Ltda.
FABRICANTES DE MÁQUINAS

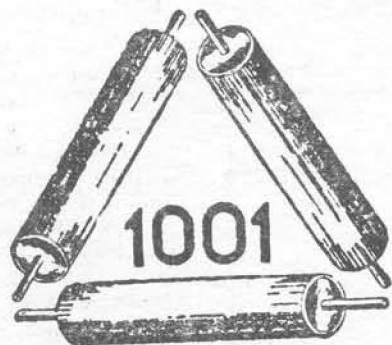
ROTOGRAVURA

Para **POLIETILENO, POLIPROPILENO. PAPEIS, CELOFANE E ALUMÍNIO**

Av. Vautier, 580
 Fone: 227-0586

R. Cel. Guilherme Rocha, 66
 Fones: 292-9598, 292-9601, 292-9702, 93-9503

São Paulo — SP.



C.G.C. 61.508.537/001
 INSC. 102.332.001

AGORA REVESTINDO CILINDROS ATÉ 9 METROS ENTRE PONTAS
 Ø MÁXIMO DE 1.200 M/M

Especializada no revestimento de prensas de ebonite e borracha — Sucção — Size Press — Off-Se. — Guia Fêltro — Guia tela cabeceira — Lumpbreaker — Self-Skinner — Úmida — Monolúcida — Lavav fêltro — Mesa plana — Abridor de fêltro — Cortadeira Duplex — Micro-Rock — Estonite — Venta — Nipe Termonolustro

AGORA REVESTINDO CILINDROS PARA MESA PLANA COM MICROLITE, QUE PROPORCIONA MAIOR DURABILIDADE DA TELA

REVESTIMENTOS EM RESERVATÓRIOS E TUBOS

Indústria de Artefatos de Borracha "1001" Ltda.

FÁBRICA: AVENIDA GUILHERME COTCHNG, 424

Esct.: R. Dias da Silva, 11 (V. Maria) — Telefones: 292-9611 — 292-9816 — 292-9161

End. Electr.: "MILEUM" — São Paulo (Vila Maria)

Escritório no Rio: Tels.: 223-0438 — 243-1829 — 243-1557

EDITORES:

**EDITORA
ORIENTADOR LTDA.**

R. Cons. Crispiniano, 404
9.º andar - salas 910/911
telefones: 36-1323 e 32-7069
Cx. Postal: 1430 - São Paulo

CGC: 61.096.145/001
Inscr. Est.: 103.894.731

Diretor Responsável
WANDA DEL PICCHIA

Diretor Proprietário e Comercial
PAULO JORGE ENGELBERG

Secretaria e Colaboração
SUZANA EDEN ENGELBERG
WANDA DEL PICCHIA
PAULO JORGE ENGELBERG

Compilação e Redação:
ANAVE — Associação Nacional dos
Homens de Venda em Celulose, Pa-
pel e Derivados

*

Os conceitos emitidos nos artigos
assinados são de inteira respon-
sabilidade dos signatários

*

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

leia...

- 1** Editorial pág. 2
- 2** O Mercado Global " 3
- 3** Escassez de papel " 5
- 4** Congresso Gráfico Latino-Americano .. " 9
- 5** Noticiário " 12
- 6** Notícias da ANAVE " 18

**ESTE NÚMERO CONTÉM 24
PÁGINAS**

ANO

I

MÊS

AGOSTO

1973

*

Proibida sua reprodu-
ção total ou parcial
sem prévia autorização

*

DISTRIBUIÇÃO

Todos os sócios da
ANAVE - Todos ataca-
distas de papel - Todos
fabricantes de papel -
Todos sócios da ABRE
(Associação Brasileira
de Embalagem) - To-
das as gráficas e edi-
toras de porte médio e
grande — (oitocentos
exemplares)

TIRAGEM TOTAL:
2.000 exemplares

*

Assumimos responsa-
bilidade moral e jurí-
dica sobre a circulação

ÓRGÃO OFICIAL DE DIVULGAÇÃO DA

ANAVE - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS HOMENS DE VENDA EM CELULOSE, PAPEL E DERIVADOS

REVISTA ANAVE



associação nacional dos homens
de venda em celulose, papel
e derivados

Rua Espírito Santo, 28 — 01526 — Telefone: 278-0139 — São Paulo — Brasil

EXPEDIENTE: das 14 às 20 horas

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Ciro Torcineli Toledo

1.º Vice-Presidente:

Loé Cabral Velho Feijó

2.º Vice-Presidente:

Jahir de Castro

1.º Secretário:

Carlos Cortez Junior

2.º Secretário:

Saturnino Pereira de Oliveira

1.º Tesoureiro:

Adhemur Pilar Filho

2.º Tesoureiro:

Ocyr Bastos de Abreu

Diretor de Relações Públicas:

Mário Silvestri

Diretor Cultural e Técnico

Abel Pinto Ribeiro Filho

Diretor de Divulgação:

Antonio Carlos Clemente da Silva

Diretor Social:

José Tayar

Diretor Patrimônio:

Pedro Massuia

CONSELHO DIRETOR

Presidente:

Ovídio Pimentel Lima

Conselheiros:

Adhemur Pilar

Atilio Simionatto

Gildo Meneghini

Oswaldo Ferrari

Pascoal Spera

Armando Mellagi

Silvio Gonçalves

Aziz Salomão

Werner Klaus Bross

Antonio Roberto Lemos de Almeida

Lino Fernandes Simões

Walter Rizzi

José Campos Filho

Aristáudio Jarbas Fontes

Suplentes:

João Braitt

Albert Edward Warwich Jr.

Rodolfo Raíça

Alpheu Paim Júnior

José Geraldo Figueiredo

CONSELHO FISCAL

Amos Spina

Antonio Carlos Barros Lima

Horácio Freitas Andrade

DELEGACIA REGIONAL DO RS

Lygia D.D. Petersen

Armando Schneider

EDITORIAL

Nestes próximos meses, a ANAVE estará empenhada em executar vários e importantes programas referentes à comercialização de celulos e papel. Já em agosto e setembro será desenvolvido um curso básico sobre a importância da qualidade do papel na indústria de transformação, curso este que terá como objetivo primordial o desenvolvimento técnico dos Homens de Venda de papel, de modo a torná-los cada vez mais aptos a cumprirem, e bem, suas obrigações profissionais. A receptividade que estamos encontrando, que é traduzida pelo elevado número de inscrições, bem demonstra o interesse de fabricantes e revendedores em treinar seus elementos de venda.

Com referência aos usos e costumes na comercialização de papel no Brasil, foi iniciado pela ANAVE um Grupo Especial de Trabalho para apresentação de um texto básico para posterior discussão e homologação. Foram convidados elementos especializados do setor para integrarem esse Grupo de Trabalho, que já terá como ponto de partida dois trabalhos preparados pelo Sindicato — Associação Paulista e pela Champion, que estão colaborando decisivamente conosco. O texto básico de Usos e Costumes deverá estar concluído até meados de setembro.

Estamos nos aproximando de outubro, mês no qual será realizado o II Seminário Sobre Distribuição de Papel. Várias firmas foram especialmente convidadas a apresentarem trabalhos e o interesse demonstrado permite-nos supor que esse seminário apresentará um nível técnico dos mais elevados.

Enfim, estamos trabalhando. Entretanto, devemos ter sempre em conta que o sucesso de cada um de nossos empreendimentos depende, totalmente, da sua colaboração. Você que é associado da ANAVE, precisa ajudar-nos. Compareça às nossas reuniões, participe de nossos grupos de trabalho, envie colaborações para a Revista. E com isso, poderemos atingir nossos objetivos: uma ANAVE cada vez mais forte e atuante, contribuindo de maneira eficaz para o desenvolvimento técnico e cultural dos homens de venda de celulose, papel, artes gráficas e afins.

o mercado global

apesar das dimensões, as iniciativas são sempre locais

Economista J. Fortes de Vasconcelos
Gerente Geral de Marketing
da Cia. Industrial de Papel Pirahy

Para se começar a tecer considerações relativas ao conceito de Mercado Global, é sempre válido mencionar, ainda que de leve, a velocidade crescente das mudanças tecnológicas e os seus reflexos nas comunicações, nos transportes e na própria operação do aparelho produtivo da economia. Assim é que, através dos meios instantâneos e contínuos de comunicação, o nivelamento dos hábitos e a compatibilização de necessidade antes em conflito, vão trazendo novas dimensões para a economia de escala. Do outro lado da circulação das mercadorias, o que também ocorre com extrema rapidez é a expansão das trocas, não apenas porque são cada vez mais necessárias novas opções para o plano individual de consumo objetivando a maximização da utilidade compatível com o crescente nível de renda. Mas isto também ocorre porque a saturação esperada acima de certas faixas de desenvolvimento é muito relativa e a "porosidade" dos mercados continua em ampliação, criando condições para uma absorção cada vez maior dos bens de consumo, dos bens de capital e dos insunos. Ao que tudo indica, antever-se uma mudança na curva de consumo, prevendo-se a nova modalidade de economia de serviços" como uma evolução da "sociedade de consumo" é pelo menos uma antecipação exagerada e provavelmente uma visão conflitante com o sentido keynesiano das análises a curto prazo.

Toda aquela circulação intensa é permitida pelos meios evoluídos de transportes, cuja capacidade, rapidez e eficiência só se comparam agora à enorme complexidade da teia que foi tecida e que cobre todas as áreas do grande mercado. A vitalidade do sistema é imensa e mesmo se entrarmos na síndrome dos Limites do Crescimento, o fluxo e refluxo deste formidável aparelho continuarão em processo acelerado, sem que se comece a pensar em estabelecer alguns limites sensatos para o desenvolvimento da economia mundial. O que há, então, é uma velocidade crescente, um movimento extremamente acelerado de expansão e de incorporação de novas áreas através dos novos meios de comunicação e da racionalização dos sistemas de transportes. Por sua vez, os resultados da pesquisa (em termos de evolução da tecnologia) significam a produção, a circulação e a assimilação de um número fantástico de novos produtos e este influxo adicional propicia mar-

gens de lucros mais amplas, com o consequente incremento dos investimentos em novas e mais complexas pesquisas. A "bola de neve" começa então a rolar e o desenvolvimento é mais acelerado, mudando o mundo em 10 anos muito mais profundamente do que mudou do início do século até os anos 60 e bem menos do que mudará nos próximos 5 anos. Essas mudanças, por seu turno, verificam-se de um modo intenso no aparelho produtivo da economia, alterando a estrutura da oferta em termos de internacionalização das empresas e criando uma mobilidade muito mais desenvolvida para o capital. Se, portanto, do lado da demanda a tecnologia rompe as lindes convencionais, do lado da oferta ela própria altera e sempre continuará alterando os limites políticos-administrativos, desaguando tais fenômenos no conceito último de Mercado Global.

Todavia, no que tange aos segmentos desse grande mercado, um deles nos diz respeito bem de perto. O mercado de papel, cilhado por uma ótica mais ampla, é hoje palco de um palpitante problema de marketing e a análise conjuntural restrita a este segmento certamente apresentará pontos extremamente interessantes para o exercício especializado dos responsáveis pela condução dos negócios dentro desse setor da economia. Se, por exemplo, para procedermos a um diagnóstico mesmo superficial do problema, retrocedemos aos meados de 1972, iremos encontrar em todo o mercado internacional uma certa estabilidade nos negócios de papel, com a oferta apresentando um excesso tolerável e provavelmente salutar) sobre a demanda. Apenas em algumas áreas, certos bolsões representavam exceções que, como era o caso brasileiro, traziam consigo uns tantos problemas não muito graves de desequilíbrio, mas cuja solução seria um pouco demorada segundo as projeções usadas naquela época. No entanto, já ao final do ano, começavam a se agravar nos Estados Unidos os sintomas de escassês do produto, pois a taxa média de crescimento anual da indústria deixara de ser vizinha dos 5% e passara a ser próxima dos 2% em 1972, prevendo-se para 1973 um crescimento ainda mais baixo. Desenhavam-se, então, os contornos de uma crise cujos efeitos teriam forçosamente de aparecer em todas as outras áreas, com a velocidade compatível com o conceito de Mercado Global. E a indústria passou por uma reversão de expect-

tativas extremamente rápida, sujeita a partir do início do corrente ano a alguns condicionamentos de natureza psicológica pelo lado da demanda e premida por alguns freios pelo lado da oferta, como é o caso das retrações resultantes da conscientização mais acentuada sobre a necessidade de maior preservação do meio ambiente. Assim, as novas previsões de poucos meses estavam desmentidas, certamente porque eram restritas ao mercado interno e não haviam considerado na devida grandeza o conceito mais aberto do grande mercado.

Do lado de cá, no nosso mercado interno, presenciemos então que os efeitos estavam surgindo em alta velocidade, porém, se aprofundarmos mais esta análise no espaço brasileiro, encontraremos ainda alguns outros reflexos que agora estão condimentando de um modo muito especial a nossa conjuntura. Vivemos uma inflação cadente na nossa economia, com efeitos um tanto atenuados pela institucionalização da correção monetária e pelo sistema de minidesvalorização do cruzeiro. Enquanto isto, muitas economias industrializadas experimentam lá fora, como novidade para as atuais gerações, uma inflação crescente que, não importando se é de demanda ou de custo, é permanentemente realimentada pelas tensões reivindicatórias e suas conquistas compatíveis com cada um dos processos políticos de cada região. Contudo, importando bens acabados e insumos em nível equivalente a 8% do PIB, a economia brasileira passa a importar também a inflação externa, ao mesmo tempo em que enfrenta o fator natural de maior resistência na diminuição da taxa inflacionária, na medida em que essa taxa vai sendo conduzida para níveis vizinhos dos 10%.

Mas não apenas este aspecto aparece como circunstância relevante, já que também o fator natural de maior resistência na diminuição da taxa inflacionária, na medida em que essa taxa vai sendo conduzida para níveis vizinhos dos 10%.

Mas não apenas este aspecto aparece como circunstância relevante, já que também o fato de algumas matérias primas se tornarem escassas no Mercado Global, representa um dado da maior importância neste momento e nesta fase da nossa economia. Essa carência com algumas perspectivas de agravamento) atinge vários setores básicos, refletindo-se nas mais distintas regiões de todo o grande mercado e, como não podia deixar de ser, inclui a celulose como um dos seus itens importantes.

Tendo em mente os condicionamentos acima, deve-se notar que o mercado brasileiro de papel caracterizado por baixos níveis de consumo (somente 18 kgs. anuais de papel por habitante), poderá de modo amplo e de imediato beneficiar-se dos avanços tecnológicos, da alteração dos hábitos de consumo e de toda a velocidade com que progredem as economias, se

não houver um estrangulamento na aquisição da matéria prima para a indústria de papel. Mas essa condição, como é natural, jamais poderá ser completamente satisfeita através de ações exógenas, já que o mercado como um todo não pode dispor de condições para resolver tais problemas em curto espaço de tempo, nem a estrutura sócio-política dos vários países poderá reagir uniformemente em termos de prioridade na alocação dos recursos disponíveis. É nessa fase da análise que se torna, então imprescindível forçar as soluções locais para o nosso problema interno, cuidando de alocar recursos adequados para os investimentos na produção de matéria prima e para os investimentos derivados que visem à obtenção do produto semi-elaborado. É justamente nesta fase, também, que o aparente conflito entre os objetivos nacionais de combate à inflação e a dura realidade externa dos preços crescentes surge em termos de defasagem entre os reajustamentos de preços dos produtos nacionais e o aumento de preços das matérias primas comercializadas no Mercado Global, obrigando a um natural reexame das políticas vigentes.

Mas, apesar dos obstáculos ostensivos, há na atualidade brasileira, sem sombra de dúvida, um arsenal de instrumentos e de medidas que, adequadamente usados, atenuarão os efeitos exógenos negativos e estimularão as forças endógenas positivas. E tudo isto, favorecido pelo atual comportamento da nossa economia, estará bem de acordo com o nosso já montado arcabouço de planejamento eficaz, dentro do qual é viável canalizar recursos de vulto para os setores prioritários e é lícito usar os estímulos oficiais para a correção dos desvios verificados no desempenho de cada setor. Por outro lado, valeria indagar se as inelasticidades de oferta que estão surgindo permanecerão por prazos que justifiquem maiores investimentos no nosso setor, isto é, se a maior demanda permanecerá até a maturação dos novos investimentos, ou se a sua fugacidade não implicará em superdimensionamento das expansões. Até onde se pode ver, a carência de celulose e papel resistirá a um tempo mínimo de dois anos e a um máximo de cinco anos, tempo suficiente para a correção dos desvios do mercado internacional. Esta é mais uma premonição do que uma previsão, mas obviamente é inspirada na situação de hoje, podendo mudar dentro de poucos meses, conforme o desempenho do setor em toda a área internacional. Com esses e mais outros indicadores de todo o grande mercado, as decisões brasileiras poderão ser tomadas aqui e de imediato. É que, apesar do conceito amplo de Mercado Global, as iniciativas são sempre internas e cada vez mais representam o somatório dos esforços do setor público e da empresa privada, devidamente dosados, estando ambos interessados em atingir metas sensatas e não apenas em buscar vantagens no curto prazo.

escassez de papel - como aconteceu, como afetará os impressores

Extraído de um artigo da revista Americana: "Printing Impression Magazine" — abril de 1973

Conteúdo da palestra do sr. Summers perante o grupo de comunicações gráficas de North Jersey, Indústrias Gráficas do Metropolitan N. Y.

Permitam-me abordar alguns trechos de uma carta de 26 de janeiro de 1973, de Kiplinger Washington:

"As companhias que usam papéis, produtos de papéis, notem bem o seguinte: os abastecimentos estão se reduzindo e os preços tenderão a altas. Isto é causado por uma série de fatores; primeiro, uma forte demanda, e segundo, fracasso da indústria de papel em aumentar sua produção de uma forma suficientemente rápida. Existe relutância em se construir novas fábricas, e o número das atuais está se reduzindo pelas restrições impostas pelo problema de poluição...

"Sugerimos que se preocupem cuidadosamente com os estoques... não os deixando atingir níveis muito baixos. O problema de entrega pelos fabricantes será cada vez maior à medida que o consumo aumenta".

Estas notícias não são tão boas de se ouvir para aqueles que, como nós, dependem dos papéis para impressão quando precisamos em quantidades, formatos e cores, com o intuito de servir nossos clientes. É, certamente, uma mudança na situação da oferta e procura, para o pequeno espaço de tempo em que ocorreu. Para melhor compreender a situação é necessário recorrer a alguns anos atrás, para verificar o que aconteceu e visualizar o que se depara hoje perante nós todos, bem como considerar o que pode ser feito amanhã.

Limitarei meus comentários aos papéis de escrever e imprimir.

Em 1966 a indústria de papel teve um ano de glórias. Vendas e lucros estavam altos; o retorno sobre investimentos (RSI) era aceitável,

pois as fábricas estavam ganhando dinheiro. A demanda era boa e muitos fabricantes fizeram planos para expansão, com milhões de dólares para serem gastos em novas fábricas, novas máquinas, reformas para aumentar a produção das atuais máquinas, além de aumentar suas velocidades. Novas fábricas de celulose, como consequência foram incluídas nestes planos. Foi também a época em que grandes conglomerados começaram a olhar para as indústrias de papel. RSI parecia favorável e alguns podiam antever a vantagem em diversificar, com aquisições de fábricas de papel.

As grandes indústrias de papel também continuaram a crescer, adquirindo grande número de pequenas páblicas. Foi um ano de expansão planejada, sendo muitas as aquisições feitas.

Em 1967, entretanto, os negócios viraram. A demanda, bem como vendas, cairam. Nossa ecologia, com seus problemas de poluição, veio a ser cabeçalho de jornais, e as metas estabelecidas contra a poluição, incluíram as fábricas de papel e celulose por todo o nosso país.. Não havia dúvidas que um número de fábricas estavam poluindo (ou já haviam poluído) nossos rios e riachos. Regulamentações e controles começaram a movimentar os órgãos de governo: federal, estadual bem como o municipal. A maioria era difícil de interpretar e menos ainda de se conformar com elas. Isto não significou tanto como somente na última sessão do Congresso, mais de 2.000 itens foram introduzidos abordando aspectos sobre poluição da água. Em suma, existem mais de 150 diferentes órgãos, tanto federais como estaduais, responsáveis em administrar programas anti-polução.

Com a pressão para evitar a poluição, as fábricas se viram forçadas a utilizar grande parte dos investimentos, anteriormente destinados a aumentar a capacidade de produção, em equipamentos para evitar a poluição, tanto da água como do ar. Planos para o restabelecimento de novas fábricas foram cancelados. Reformas foram esquecidas pois as fábricas não mais tinham verbas disponíveis. Com esse vasto problema contemplando as indústrias de papel, muitas companhias de investimento e Bancos se declinaram dos pedidos de financiamento, pois o dinheiro estava curto e as fábricas tinham de solucionar os problemas de poluição antes de qualquer expansão, e estas soluções ainda não acabaram.

Em estudo recente, Arthur D. Little, Inc., disse que as despesas para os programas anti-poluição de águas deverão estar em torno de US\$ 2,5 bilhões de dólares entre 1972 e 1976 e por volta de US\$ 800 milhões de dólares para controle da poluição do ar, ou um total de US\$ 3,3 bilhões.

A. D. Little também estimou que 45% de todas as fábricas americanas correspondentes a 15% do total da capacidade de produção dos Estados Unidos — estão economicamente operando abaixo dos limites padrões de eficiência. "Em geral, isto significa que elas se encontram abaixo do tamanho econômico mínimo no seu setor de produção. As fábricas terão uma enorme dificuldade em atingir os requisitos para controle de poluição".

De acordo com dados de outubro de 1972, obtidos no Departamento de Economia da McGraw-Hill Publications Company, a indústria de celulose e papel pretende investir US\$ 1,7 bilhões em 1973, um aumento de 22% sobre o total estimado de US\$ 1.4 bilhões em 1972. "Estes enormes investimentos, em face do reduzido aumento de capacidade, são indicações do ataque que a indústria faz em seu problema de ecologia. Os gastos em controle de poluição continuarão em 1976 no que diz respeito aos atuais padrões de controle e num grau menor após o estabelecimento dos novos padrões. Entretanto, toda a verba para estes propósitos deverá estar à disposição em 1975"

Nos últimos anos, a demanda de papel não tem sido das mais fortes, e havia mais do que suficiente capacidade para satisfazer essa reduzida demanda. Custos, por outro lado, subiram com a mão de obra, transportes e fretes. Lucros e retornos sobre o investimento (RSI) caíram desde a crise de 1967.

Alguns fabricantes optaram para o conceito de "preencher as máquinas a qualquer preço", até mesmo com perdas, em ordem de manter as máquinas rodando 24 horas por dia, 7 dias por semana. Isto arrasou com os preços, não permitindo que ninguém auferisse qualquer lu-

cro. Como consequência, as fábricas tentaram conquistar maiores segmentos de seus mercados, estabelecendo novos tipos, novas gramaturas, novas cores, novos acabamentos, enfim, "novos" em tudo. Isto, é claro, foi encarado com prazer pelos "designers" e artistas, que podiam, afinal, desenvolver suas idéias malucas com combinações exóticas e atrair seus clientes com peças impressas que eram novas e diferentes.

Mas para o distribuidor e impressor, significativo mais itens para estocar. Pequenos lotes de produção, bem como pedidos de quantidades irrisórias, apareceram como única forma de sobrevivência. As fábricas com máquinas de grandes larguras ou máquinas projetadas para grandes lotes se viam forçadas a aceitar pequenos pedidos. Isto realmente prejudicou as pequenas e velhas fábricas, ocasionando também uma depressão nos preços.

Em 1971, 23 máquinas para papel de imprimir e escrever foram paralizadas. Mais 6 pararam em 1972 e nenhuma outra máquina nova foi posta a produzir. Na realidade, somente uma nova máquina está prevista para entrar em funcionamento nos próximos 2 anos.

A maioria das máquinas que pararam foram em decorrência do preço baixo do mercado, aliado a grandes problemas com a poluição. Ou pararam porque estavam simplesmente velhas. Isto retirou grande tonelagem do mercado e não existem novas máquinas para cobrir esta queda de produção. Sem dúvida, mais fábricas deverão ser fechadas ao mesmo tempo que não podem fazer lucro e lutar contra a poluição.

Paine, Webber, Jackson & Curtis, membros da Bolsa de Valores de New York, em novembro de 1972 publicou um Boletim de Informações sobre a Indústria do Papel, com a seguinte conclusão:

"Os fatos são claros. Os ganhos são inadequados para financiar expansões à razão necessária para antecipar os requisitos. Os custos da inflação dos últimos anos diminuíram os lucros a níveis considerados abaixo dos registros mínimos anteriores. As fábricas de papel estão agora concentradas em resolver seus problemas de ecologia, apesar de que em 1972 os lucros já começaram a melhorar. Todos os controles sobre poluição deverão estar prontos em 1975. Neste meio tempo, os Estados Unidos deverá sofrer as consequências da grande falta dos vários tipos de celulose, papel e cartão".

De acordo com o Instituto Americano do Papel, é o seguinte o texto de seu relatório sobre a capacidade de produção para os próximos anos:

"A capacidade de produção de papéis para imprimir e escrever nos Estados de New York, Pensylvania, New Jersey, e New England, onde é feita a maioria de nossos papéis, cairá nos

próximos dois anos. As fábricas de celulose, a partir da fibra de algodão, não têm previsão de aumento de capacidade até 1975. Papéis com cobertura (Couchê, Kromekote, etc.) tem somente 18.000 novas toneladas em produção a partir de 1973, nada em 1974, e 42.000 toneladas em 1975. Isto corresponde a um aumento de aproximadamente 1%. Papéis para livros e para escrever aumentarão 7.000 tons. em 1973 e nada em 1974 e 1975.

"Isto acrescentará somente 1/10 de 1% à capacidade total. Celulose está em situação mais crítica, pois não existem novas capacidades de produção planejadas".

Em 1972, devido aos — ou apesar dos — controles econômicos, primeiro Phase I, depois II e agora Phase III, a Economia começou a reagir. A área metropolitana de New York não sentiu esta reação até quase no final deste ano de 1972. Outras áreas do país estavam à nossa frente de um a seis meses, e as fábricas estavam se levantando a uma razão bastante rápida. Os pedidos apareciam de todos os lugares; exceto de New York e New Jersey. Minha companhia, da mesma forma que os distribuidores de outras áreas, não sentiu esta reação até meados de setembro. Foi por volta do Dia do Trabalho, quando as consultas começaram a aparecer, em número cada vez mais crescente. Mas então, "pronta-entrega" nas fábricas praticamente não mais existia. As máquinas pareciam estarem lotadas, quando nossa área finalmente começou a participar do aumento de demanda das outras áreas, como se, da noite para o dia, a demanda começasse a suplantar a oferta. Pegou-nos quando seus estoques, inexplicavelmente, estavam baixos e, em alguns casos, nem sequer existiam. O distribuidor também, em alguns itens, estava sem estoques, pois os negócios não eram dos melhores e isso dizia respeito a um maior capital de giro. Os preços que andavam baixos, subiram, e algumas fábricas começaram a deixar de fabricar certos tipos, gramaturas, e em alguns casos, linhas completas de produtos.

Complicando o problema, está a situação da celulose que é incapaz de satisfazer a demanda. Devido à falta de celulose e combustível, as fábricas, em algumas áreas, se viram forçadas a diminuir suas operações ou, em alguns casos, fechar temporariamente. Chuvas excessivas no Sul e Sudeste deixaram as regiões de madeira completamente inacessíveis, e em certas fábricas acabou a celulose por não poderem retirar as toras de suas florestas.

O QUE SERÁ DE AMANHÃ?

Eu discorri sobre os últimos anos e os problemas que passamos e estamos passando, e a completa reviravolta na demanda e oferta de

papel, mas o que realmente nos preocupa é o AMANHÃ.

O que devemos fazer para permanecermos em nossos negócios, fazer lucro, ter um satisfatório RSI, e imediatamente comprar papel quando necessitamos?

Estamos num jogo completamente diferente do que estivemos durante anos. Um bom número de nossas associadas jamais sentiram uma situação onde a demanda fosse maior do que a oferta. É uma mudança drástica para nós — mas ainda pior para eles. "Você e eu devemos nos compenetrar da mudança do mercado e fazer planos de acordo com a nova situação".

Pelo menos, todos temos a oportunidade de incutir novamente nos gráficos e distribuidores a mentalidade de lucro, ou mesmo RSI. Nós devemos trazer esta situação como uma vantagem para as mudanças de pensamentos e, onde for necessário, todo o nosso conceito sobre nossos negócios.

Haverá falta de papel por um bom tempo. As folhas com preços baixos estão desaparecendo. Os preços de papéis de baixa gramatura vão se elevar rapidamente, pois são mais dispendiosos para serem fabricados que os de gramatura acima de 75 g/m².

Uma certa fábrica anunciou que não mais fabricará papéis em formatos, dedicando-se somente aos papéis em bobinas. Os papéis tipo Apergaminhado e Offset, com o crescente aumento de pedidos de papéis mais lucrativos, estão sendo eliminados, ou vendidos na base de cotas, com restrições de toneladas nas gramaturas solicitadas.

Certos tipos de papéis estão sendo substituídos ao mesmo tempo que as gramaturas estão sendo elevadas. Os tipos "coated" de preço baixo estão sendo eliminados. Cores, gramaturas e acabamentos vão ser padronizados. Eu prevejo uma tendência definitiva em direção à padronização e longe das grandes variedades outrora apresentadas. Se você tiver uma oportunidade, dê uma olhada em seu livreto de amostras e conte o número dos tons de azul — multiplique-os pelo número de acabamentos e gramaturas apresentados e você chegará ao número dos itens disponíveis.

"Isto vai mudar. Ainda haverá um bom sentimento, mas os números serão sensivelmente menores".

A esta altura, meus comentários podem ter deixado alguns com uma sensação de desencorajamento e uma possível incerteza no futuro. Não é esta nossa intenção. Nós temos uma grande oportunidade para fazer nosso futuro o melhor possível. Para atingirmos isto, devemos primeiramente reconhecer que uma mudança ocorreu e que os próximos anos nos trarão ou-

tras chances. Nós temos oportunidade de suprimir sistemáticas que não mais nos trazem lucros e ajustar os preços de forma que possamos recuperar o terreno perdido.

Com a melhoria da Economia e a certeza de que isto continuará por 1973 — provavelmente 1974 e demais anos — nós temos oportunidade de aumentar lucrativamente nossas vendas, o que nos permitirá planejar e nos equiparmos com as ferramentas necessárias para encarar a mudança do futuro. Verbas para promoção e propaganda aumentarão e mais impressos serão necessários. Haverá disponibilidade de papel. Milhares de toneladas são produzidas diariamente e continuarão a ser produzidas, mas os prazos de entrega serão diferente; algumas gramaturas, acabamentos e tipos de papéis faltarão e os preços vão subir.

As fábricas e os distribuidores se interessam por papéis de giro rápido. Ordens de fabricação vão ser programadas por meses, o que exigirá um cuidadoso planejamento com seus clientes. Por este motivo você deverá aceitar um prazo de entrega maior do que você estava acostumado a aceitar.

Seus vendedores e/ou "designers" e artistas que você trabalha deverão estar informados da situação, para que eles, em contra-partida, possam colocar seus clientes a par dos acontecimentos que ocorrem e ocorrerão no futuro. Eles não devem hesitar em discutir com seus clientes a falta de papel, os aumentos de preços, os problemas com o prazo de entrega e outras eventuais situações que possa aparecer, não para causar pânico, mas com o objetivo de mantê-lo bem informado.

Da mesma forma, apesar de haver um excelente relacionamento entre impressores e distribuidores de papel, certifique-se de que seu vendedor o esteja mantendo devidamente informado de todas as melhorias. Os distribuidores quase que diariamente estão recebendo memorandos das fábricas de papel, comunicando mudanças em suas operações, alteração dos prazos de entrega, mudanças nos tipos a serem fabricados ou alterações na política de preços. Na Alling and Corv. nós imediatamente passamos estas informações a nossos vendedores internos e externos, para que eles, por sua vez, possam informá-lo e você, em troca, terá os últimos para passar a seus clientes. Esta necessidade para uma comunicação mais íntima é muito importante e pode ser a chave para o sucesso em obter vendas lucrativas no futuro.

Estoques no distribuidor e nas fábricas deverão ter um novo enfoque. Cada um deverá estocar os tipos de maior rotação. Itens de pequenas vendas desaparecerão. Eu certamente recomendaria que cada impressor desse uma olhada em seu estoque e tivesse a certeza de que

mantém papéis que permanecerão em linha nas fábricas e na revenda, ou seja, sempre que possível, tenha seus vendedores concentrando suas vendas nos impressos em papéis disponíveis no mercado.

CRÉDITO E COBRANÇA

Com uma economia lenta e pouca disponibilidade de dinheiro nos últimos anos, as contas a receber predominaram. Eu reconheço que muitos impressores têm problemas de recebimento. Que muitos de seus melhores clientes esperaram o último dia para pagá-lo. Isto, em troca, coloca seus compromissos financeiros num ciclo demorado de pagamento.

Isto tem sido crítico para o distribuidor, já que suas contas a receber aumentaram e seu capital de giro atingiu um nível delicado. Todos devemos reduzir os prazos de pagamento. Isto começa com o consumidor e vai para cima ou para baixo da linha, de acordo com a forma que você encara o problema, até que todos os custos sobre o produto acabado sejam pagos.

Com a oferta maior do que a demanda, por mais alguns anos ainda, cada impressor deverá desejar estar fornecendo unicamente aos clientes que tenham condições de pagá-lo religiosamente no vencimento, como um reconhecimento pelo seu trabalho duro e serviços prestados em provê-lo das suas necessidades em impressos.

Desta forma, também com o distribuidor de papéis, a fim de manter sua quota com a fábrica, ele deverá manter seus pagamentos em dia, ou seja, de 10 a 20 dias da data de embarque, e, conseqüentemente, fornecer este papel para clientes que possam pagá-lo em idênticas condições. Uma diminuição das "contas a receber" é uma necessidade no seu e no meu negócio. Você e eu temos que sair das mãos dos Bancos, se vamos ser capazes de progredir no futuro. Muito progresso, nessa direção, já foi feito, mas existe uma necessidade para que seja feito muito mais.

Estamos numa era de mudanças. Repetindo, este é um novo jogo, mas, felizmente, nos oferece uma oportunidade — as delícias daquilo que não víamos há muitos anos. Existe um grande futuro à nossa frente. O que devemos fazer é nos certificar que, na indústria — os impressores, distribuidores e fabricantes — todos tenhamos sucesso juntos. Isto pode ser atingido se nos ajudarmos uns aos outros — trabalhando e nos comunicando, e cada um se esforçando para maximizar os lucros de nossas vendas.

congresso reunirá no país 600 empresários gráficos latino-americanos

O Sr. Theobaldo De Nigris, presidente da Federação e do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo, anunciou a realização, no Brasil, do 4.º Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica, promovido pela CONLATINGRAF — Confederação Latino-Americana da Indústria Gráfica, entidade da qual é, atualmente, também presidente. O certame terá desenvolvimento de 10 a 14 de outubro do corrente ano, no Centro de Convenções do Hotel Nacional — Rio de Janeiro — sob o patrocínio da Associação Brasileira da Indústria Gráfica — ABIGRAF, e prestigiado pela FIESP.

PRESTÍGIO NO EXTERIOR

Declarou o sr. Theobaldo De Nigris que, "como presidente da CONLATINGRAF, recebemos, no último Congresso, realizado em Caracas (Venezuela), em 1971, a honrosa incumbência de efetuar no Brasil o 4.º Congresso. O nosso desenvolvimento é, hoje, uma realidade testemunhada pelo crescente interesse dos demais países da América Latina em conhecerem as nossas conquistas sociais dentro de um clima de segurança e harmonia nacionais que os Governos da Revolução têm sabido manter para o nosso povo".

PARTICIPANTES E TEMAS

Como se sabe, a CONLATINGRAF reúne, em seu meio, as entidades representativas das indústrias gráficas de cada país latino-americano.

Informou que estarão presentes "seiscentos participantes, trezentos estrangeiros e trezentos empresários nacionais do setor. No 4.º Congresso serão abordados temas dos mais importantes para o empresariado gráfico, basicamente sob a forma de conferências, versando Tecnologia do Papel, Sistema de Impressão, Encadernação e Embalagens, Fotocomposição e outros, a cargo de técnicos de projeção internacional. Está encarregada de organizar o 4.º Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica, bem como adotar todas as providências necessárias para assegurar seu êxito integral, a diretoria da Associação Brasileira da Indústria Gráfica, presidida pelo companheiro Rubens Amat Ferreira. Será também uma oportunidade para que o empresariado brasileiro da categoria econômica demonstre aos representantes de toda a América Latina, o alto padrão tecnológico que já caracteriza o nosso parque industrial gráfico, vislumbrando, ao mesmo tempo, novos mercados e patenteando aos nossos visitantes o quanto tem sido e continua a ser produtivo o binômio Governo-Empresa Privada".

CONDIÇÕES

Respondendo a perguntas, o sr. Theobaldo De Nigris disse que a preocupação do Brasil, como dos demais países latino-americanos, é proceder ao acompanhamento do desenvolvimento tecnológico do setor gráfico nos seus diferentes aspectos, envolvendo matérias-primas, equipamentos e processos. Em nosso caso, particularmente, já atingimos um alto índice de

competitividade, tanto que efetuamos exportações crescentes, inclusive para países fora da área latino-americana. Temos condições para absorver tecnologias e, conseqüentemente, para competir nos mercados externos.

Dai a importância de que se reveste o 4.º Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica, quando haverá um intercâmbio de experiências do empresariado gráfico do Hemisfério Sul, acrescidas de informes e questões de interesse mútuo. O setor gráfico nada tem a recear quanto ao futuro, desde que se atualize continuamente em suas atividades. E certames desta natureza constituem um instrumento para tanto.

Concluindo, o presidente Theobaldo De Nigris afirmou acreditar no total sucesso do empreendimento, que vem sendo estruturado com todo o carinho por uma comissão especialmente destinada a esse fim, instituída também sob a sua presidência.

PROBLEMAS DO SETOR

A Comissão Executiva do Congresso, presidida pelo sr. Theobaldo De Nigris, tem como componentes, ainda, os srs. Rubens Amat Ferreira, presidente da ABIGRAF, Jorge de Motta e Silva, Paulo Borba, Renato Americano, Edson Avelar e João Dalla Filho.

Falando à sua vez sobre o certame, o sr. Rubens Amat declarou que sua utilidade salta à vista, dotando-se de um sentido objetivo a apresentação de teses, debates ou discussões próximas. Os temas compreendem conferências práticas e diretas, focalizando aspectos de interesse geral da categoria econômica latino-americana, como a tecnologia do papel, de impressão e foto-composição, sistema que veio solucionar a própria imprensa etc.

Para o Brasil, a ajuda mútua no desenvolvimento tecnológico é vital para o setor, se levarmos em consideração que possuímos, no momento, mais de 5.000 empresas gráficas espalhadas pelo território nacional, ocupando de modo direto cerca de 75.000 pessoas. Precisamos aperfeiçoar-nos, manter-nos sempre atualizados, acompanhando e absorvendo inovações, não só tendo em vista a ampliação dessas atividades, inclusive para a faixa de exportações crescentes, como visando a assegurar trabalho ao contingente de trabalhadores e, dentro do possível, aumentar seu índice cada vez mais. Tais princípios, felizmente, têm recebido todo o apoio do grupo setorial do CDI — Conselho do Desenvolvimento Industrial, através do acolhimento de projetos específicos para o reequipamento e a expansão de empresas gráficas.

Depois, além das conferências programadas, o Congresso permitirá, paralelamente, o relacionamento de empresários dos vários países participantes e, em decorrência, a troca de experiências técnicas e profissionais em caráter pessoal, o que representa, igualmente, um fator

importante para o acompanhamento de uma tecnologia que, nos dias correntes, tornou-se universal.

Outro setor da indústria gráfica é o da impressão de embalagens. Correntemente, são cada vez mais rigorosas as exigências para a melhoria e até a sofisticação das embalagens, pois as mesmas atuam como poderoso instrumento de vendas e influi no seu crescimento. Os requintes técnicos dos processos gráficos atingem nível de aprimoramento nunca vistos. Tanto assim é que se faz mister a formação de técnicos de nível médio para superintender a operação de máquinas moderníssimas, de alta sofisticação e produtividade.

O Brasil está solucionando essa carência através do funcionamento do Colégio Industrial de Artes Gráficas SENAI-União-Prefeitura, instalado em São Paulo, e que conta com os melhores e mais modernos equipamentos didáticos do mundo, no gênero, com ensino supervisionado por professores e técnicos do mais alto gabarito, procedentes do Exterior. As autoridades estrangeiras que o têm visitado não escondem a sua admiração, e o estabelecimento já se projetou internacionalmente, pois a UNESCO mantém 10 bolsistas de países latino-americanos entre os seus matriculados. Estes, uma vez formados, irão transmitir os conhecimentos que obtiveram a alunos de seus respectivos países, contribuindo, assim, para a formação de bons profissionais técnicos necessários ao desenvolvimento e aperfeiçoamento contínuos da indústria gráfica latino-americana. Por enquanto, esses bolsistas procedem do Uruguai, Chile e Venezuela. No próximo ano, serão incluídos bolsistas de outros países. Seu efeito multiplicador é inegável na formação de técnicos gráficos de nível médio.

Disse que o nosso País, é da área, o que mais tem evoluído graficamente, o que lhe permite exportar produtos gráficos (livros, cadernos, cartões etc.). Mas, na própria América Latina sofremos a concorrência de países europeus e dos Estados Unidos. Como exemplo, informou que a Argentina importa, anualmente, 100 milhões de dólares em artigos gráficos. Desse total, somente a Espanha coloca naquele mercado cerca de 60 milhões de dólares em livros.

O Congresso, assim tem como meta estudar a potencialidade do próprio mercado latino-americano, com vistas às exportações. Aliás, o Brasil e o Uruguai firmaram um acordo setorial dentro da ALALC, para a complementação industrial, com efeitos extensivos ao Paraguai, Equador e Bolívia. Isto quer dizer que estes países, intervindo na produção de artigos gráficos dentro do sistema de complementação (cada um faz uma parte de um livro, por exemplo: capa, papel, impressão, desenhos, ilustrações), se beneficiarão mutuamente das exportações que se processarem conforme o convênio em vigência

nos termos da ALALC. Isso é favorável, porque certos mercados fornecedores já se caracterizam pela preferência de editores. Portanto, devemos ter um quinhão, colaborando com países que tenham mercados compradores.

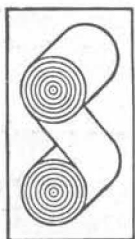
MATÉRIA-PRIMA

Outra preocupação do empresariado gráfico refere-se ao suprimento de matéria-prima. No caso do Brasil, estamos com insuficiência de celulose para a produção de papéis, havendo carência, igualmente, de cartões e certos papéis especiais. A respeito, o CPA efetuou entendimentos com dirigentes de entidades representativas da indústria gráfica, no sentido de importações complementares para atender o mercado interno. Assim, o Conselho de Política Aduaneira houve por bem reduzir de 55% para apenas 5% a alíquota incidente sobre aqueles cartões e papéis, de modo a garantir matéria-prima em quantidade suficiente para a indústria gráfica. Com relação à matéria-prima nacional exporta-

da — caso da celulose — a posição da entidade de classe — a ABIGRAF — é contrária, pois devemos exportar, isto sim, produtos acabados, além de satisfazer o mercado interno. Nesse sentido, a entidade mantém um grupo permanente de estudo e sugestões, com o escopo de que a atividade das empresas gráficas nacionais não venham a sofrer qualquer solução de continuidade, assegurando trabalho a um considerável contingente de empregados e também preenchendo as necessidades de seus dependentes.

Disse que se exportarmos celulose, ela retornará ao nosso mercado na forma de produto acabado, ocasionando prejuízos gerais.

Terminando, o sr. Rubens Amat Ferreira salientou que problemas dessa ordem preocupam os demais países latino-americanos, especificamente o setor gráfico, os quais podem ser apreciados à margem dos trabalhos propriamente ditos do 4.º Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica.



Industrial Papeleira Sta. Mônica S/A

CARTOLINA DUPLEX

PAPELÃO BRANCO PARANÁ

São Paulo

REPRESENTAÇÕES SPERA & ALMEIDA S/C.

RUA CARNOT, N.º 361/363

FONES: 227-8393 - 227-2253 - 228-4224

VENDAS 100

Elemento com prática e curriculum comprovados em administração de vendas de papel e celulose estuda possibilidades de nova empresa.

Cartas a redação — Caixa Postal 1430 — São Paulo, sob a sigla "VENDAS 100".

noticiário

BANCO DO BRASIL S. A. CARTEIRA DE COMÉRCIO EXTERIOR COMUNICADO N.º 425

A CARTEIRA DE COMÉRCIO EXTERIOR DO BANCO DO BRASIL S. A., tendo em vista o disposto na resolução n.º 1.668, de 15/5/73, do Conselho de Política Aduaneira, publicada no Diário Oficial da União de 8/6/73, torna público o seguinte:

I) — Os interessados na isenção do imposto incidente sobre a importação dos produtos abaixo especificados deverão apresentar seus pedidos de guia ao Setor CACEX das agências deste Banco:

Cód. da T. A. B.	PRODUTOS
47.01.01.00	Pastas mecânicas de madeira.
47.01.02.00	Pastas semiquímicas de madeira.
47.01.04.00	Pasta química de madeira, à soda e ao sulfato, sem branquear.
47.01.05.00	Pasta química de madeira, à soda e ao sulfato, branqueada.
47.01.06.00	Pasta química de madeira, ao sulfito, sem branquear.
47.01.07.00	Pasta química de madeira, ao sulfito branqueada.
47.02.00.00	Resíduos de papel, cartolina ou cartão; papel, cartolina e cartão usados, exclusivamente utilizáveis na fabricação de papel.

II) — Os interessados deverão solicitar a concessão do benefício diretamente à repartição competente da Secretaria da Receita Federal, onde ocorrer o despacho aduaneiro da mercadoria, o qual deverá ser efetivado até 31/12/73.

III) — Fica cancelado o Comunicado n.º 408, de 7/3/73 desta Carteira.

Rio de Janeiro (GB), 17 de Julho de 1973.

(a.) Benedicto Fonseca Moreira
Diretor

(a.) Francisco de Assis Martins Costa
Chefe do Departamento
Geral de Importação

CONGRESSO DA INDÚSTRIA GRÁFICA

Será realizado de 10 a 14 de outubro, no Centro de Convenções do Hotel Nacional — Rio de Janeiro — o IV Congresso Latino-Americano da Indústria Gráfica, promovido pela CONLATINGRAF - Confederação Latino-Americana da Indústria Gráfica, sob o patrocínio da ABIGRAF

— Associação Brasileira da Indústria Gráfica e prestigiado pela FIESP — Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Durante o certame serão abordados temas dos mais importantes para o empresariado gráfico, basicamente sob a forma de conferência, versando sobre Tecnologia do Papel, Sistema de Impressão, Encadernação e Embalagem, Foto-composição e outros a cargo de técnicos de projeção internacional.

Theobaldo De Nigris, presidente da CONLATINGRAF, falando sobre a realização do Congresso, declarou que a preocupação do Brasil, como dos demais países latino-americanos, é proceder ao acompanhamento do desenvolvimento tecnológico do setor gráfico nos seus diferentes aspectos, envolvendo matérias-primas, equipamentos e processos. Em nosso caso, particularmente, já atingimos um alto índice de competitividade, tanto que efetuamos exportações crescentes, inclusive para países fora da área latino-americana. Temos condições para absorver tecnologias e, conseqüentemente, para competir nos mercados externos”.

Concluindo afirmou “acreditar no total sucesso do empreendimento, que vem sendo estruturado com todo o carinho por uma comissão especialmente destinada a esse fim, instituída sob sua presidência.”

MAIS FORTE A INDÚSTRIA GRÁFICA MINEIRA

Durante a realização do I Seminário de Empresários Gráficos, que teve lugar no Centro de Formação Profissional SENAI/FEBEM, em Belo Horizonte, foram apresentados os seguintes dados sobre o crescimento nominal das vendas da indústria gráfica mineira:

No período 1971/1972 as vendas aumentaram em 19,4 por cento, passando de Cr\$ 78.508.387,00 em 1971, para Cr\$ 93.774.864,00 em 1972 e, destes totais, Belo Horizonte contribuiu com Cr\$ 49.386.010,00 em 1971 e Cr\$ 61.091.508,00 em 1972. No interior do Estado as vendas alcançaram Cr\$ 27.122.377,00 em 1971, e Cr\$ 32.683.356,00 em 1972.

De acordo com levantamento da Lei dos 2/3 do Ministério do Trabalho e Previdência Social, existiam, em 1971, 509 empresas gráficas distribuídas em 99 municípios e ocupando 3.747 empregados na produção e 739 classificados em outros setores, incluindo os que se dedicam aos trabalhos de administração geral.

Segundo levantamento direto realizado em 21 municípios, foram identificadas 207 empresas, ocupando 2.427 empregados na produção e 733 na administração.

Comparando-se os dados relacionados, conclui-se que os 79 municípios não pesquisados ocupam 1.326 pessoas, distribuídas em 302 empresas, ou seja, uma média de pelo menos 5 empregados em cada uma.

Evidenciando a escala de operação dessas empresas, a pesquisa mostra que das 509 em-

presas existentes, 118 delas não possuíam empregados e 209 empregavam, em média, de 1 a 4 pessoas.

O trabalho mostra que no ano de 1972 a distribuição das empresas, segundo o número de empregados, apresentava a seguinte situação: 40 empresas tinham até 5 empregados; 65, de 5 a 10; 59, de 10 a 20; 35, de 20 a 50; 4, de 50 a 100; 3, de 100 a 200; 1, de 200 a 500; e nenhuma com mais de 500 empregados.

Por outro lado, 165 empresas dedicam-se apenas à produção de impressos, 17 à produção de jornais, 1 de revistas, 5 de livros, 3 de material escolar, 7 de embalagens, 1 de formulários contínuos, 2 de encadernação, 1 de propaganda comercial, 1 à confecção de cheques e 4 empresas enquadram-se em setores diversos. Além disso, em Belo Horizonte encontra-se uma empresa especializada em fotolitografia, uma outra em material catequético e no interior do Estado foram encontradas 2 empresas especializadas em metalgráfica. Mesmo assim foi concluído que o índice de especialização é muito baixo: apenas 21% das empresas da listagem dedicam-se a atividades específicas em caráter prioritário.

A distribuição percentual do pessoal ocupado, segundo o nível de escolaridade, apresenta o seguinte quadro: 0,6% do pessoal que trabalha na indústria gráfica não tem instrução, 5% o primário incompleto, 54% o primário completo, 23,1% o ginásial e 6,8% o científico. Os técnicos participam com a porcentagem de 5,1%; o pessoal gráfico formado pelo SENAI corresponde a 1,7% do total, e aqueles com curso superior a 3,7%.

Das empresas pesquisadas, 68 por cento demonstraram dificuldade em conseguir pessoal capacitado, apresentando, mesmo assim, crescimento percentual de 10,9% na oficina e 12,1% na administração, ficando constatado que 17% do pessoal ocupado tem necessidade de treinamento especializado.

VI ENCONTRO NACIONAL DE EDITORES E LIVREIROS

Terá lugar em Caxias do Sul, RS, de 12 a 17 de novembro, o VI Encontro Nacional de Editores e Livreiros, patrocinado por sindicatos e câmaras diretamente ligados ao ramo editorial e livreiro.

O conclave será realizado nos salões do Hotel Samuara, localizado no km 8 da rodovia Caxias do Sul-Farroupilha, e constará do seguinte programa: dia 12, às 19 h — Sessão solene de abertura — jantar; dia 13, de manhã — Verificação de inscrição, distribuição de identificação e material e instalação; tarde — Palestras dos editores e convidados, com debates; dia 14 — manhã e tarde — Continuação das palestras dos editores e convidados, debates e conclusões; dias 15, 16 e 17 — Exposição e debate de temas nacionais, conclusões e às 20 horas do último dia, jantar de encerramento.

DUPLEX COM NOVA ALIQUOTA PARA IMPORTAÇÃO

RESOLUÇÃO N.º 1.754

O Conselho de Política Aduaneira, no uso de suas atribuições, com amparo no art. 22, alínea "e", da Lei n.º 3.244, de 14 de agosto de 1957, e na forma do artigo 4.º da mesma lei, modificado pelo art. 7.º do Decreto-lei n.º 63, de 21 de novembro de 1966, resolve:

Art. 1.º Reduzir de 55% (cinquenta e cinco por cento), para 5% (cinco por cento), pelo período de 6 (seis) meses, a alíquota "ad-valorem" do imposto de importação incidente sobre cartões, compreendidos no Código 48.04.99.06 da Tarifa Aduaneira do Brasil (TAB), com as seguintes especificações.

Cartão Duplex — face superior fabricada com celulose branqueada e face inferior composta de pasta de madeira ou pasta mecânica, celulose não branqueada e aparas diversas. Gramatura total entre 250 a 550g/m².

Cartão Triplex — Similar ao cartão duplex, acrescido porém na face inferior de uma camada externa composta de celulose branqueada que a recobre. Gramatura total entre 300 a 550g/m².

Art. 2.º Na importação dos produtos alinhados no artigo anterior, será exigido certificado de tipo e especificação, exceto quanto às mercadorias já embarcadas.

Art. 3.º O benefício previsto nesta Resolução poderá ser revogado a qualquer tempo, se necessário para garantir a colocação da produção nacional.

Art. 4.º Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação no Diário Oficial da União, na forma do art. 3.º do Decreto-lei n.º 333, de 12 de outubro de 1957.

Brasília, 17 de julho de 1973 — Antonio Delfim Netto, Ministro da Fazenda, Presidente.

PAPÉIS FINOS

A Cia. Fluminense Industrial está ampliando sua maquinaria com vistas a entrar no mercado de papéis sanitários. O novo produto tem a marca "Princesa", com embalagem de luxo.

CELULOSE PARA EXPORTAÇÃO

No município de Aracruz, no Espírito Santo, estarão plantados, até 1974, com eucaliptos Saligna e Grandis, e espécies Alba, 45 mil hectares que fornecerão matéria prima para a fábrica que a Aracruz Celulose está construindo segundo projeto da Jaakko Poyry & Co., empresa finlandesa que já realizou mais de 70 projetos semelhantes em todo o mundo, inclusive dois no Brasil.

Os trabalhos de reflorestamento da Aracruz tiveram início em 1967 e até junho foram plantados 26 mil hectares. Ainda este ano, serão

plantados outros 8.500 hectares, e, em 1974, 10.500. Contratados diretamente, a Aracruz tem trabalhando em suas terras 1.400 empregados e, para manter o equilíbrio ecológico da região manterá 8% da área como reserva florestal, plantando também, árvores típicas da região.

Toda a produção de celulose da Aracruz será destinada, exclusivamente à exportação.

PAPEL

Deverão entrar em operação, no segundo semestre deste ano, os novos conjuntos industriais implantados pela Cia. Suzano de Papel e Celulose, visando à ampliação de sua linha de produção. A partir daí, a participação do Grupo Suzano-Feffer alcançará, no conjunto da produção de papel no país, em 1974, índice jamais até agora assinalado, isto é, 7,4% do total. Paralelamente, em relação a seus próprios níveis de produção de papel, a empresa registrará entre 1972 e 1974, incremento de 95%, passando de 48,7 mil toneladas para 95 mil toneladas.

ASSOCIAÇÃO PARA VENDER À AFRICA

Uma missão comercial e industrial mexicana, interessada nos setores de papel celofane, produtos químicos, farmacêuticos, calçados e petroquímica, virá ao Brasil dia 20 de agosto — segundo foi anunciado, durante a II Reunião Plenária do Comitê Empresarial Brasil-México, realizada na Confederação da Indústria, da qual participou o ministro da Indústria e do Comércio do México, sr. Carlos Torrez Manzo.

Durante a reunião foram apresentados os resultados dos contatos promovidos pelo Comitê entre os empresários brasileiros e mexicanos. Destes contatos resultaram propostas de firmas brasileiras no sentido de criar associação com empresas mexicanas nos seguintes setores: máquinas de corte e laminados planos para a indústria de construção naval; confecções masculinas; moldes para fundição; películas de polietileno e papel para filmes; tubos rígidos e PVC; condensados eletrolíticos para fabricação de fonógrafos e aparelhos de TV; e peças fundidas para máquinas e equipamentos. Os empresários mexicanos estão interessados em colocar seus produtos no mercado africano através de associação com empresas brasileiras.

MÁQUINA INGLÊSA PARA SEIS CORES

A pessoa leva os desenhos à gráfica e faz a encomenda. Em pouco tempo a máquina imprime o papel para revestimento de paredes ou de embrulho para presente. Fabricada pela firma britânica Cobden Chadwick Ltd. de Lancashire Inglaterra, a impressora Flexopress pode imprimir até seis cores em papel de 1,8 m de largura, ocupando uma área de 8,2 m x 4,4m.

De bobina a bobina, de 1,85 m, dispõe de um único cilindro impressor, característica que lhe permite manter um registro correto. Mecanismos hidráulicos foram concebidos para a obtenção de um contato de grande leveza entre os rolos das unidades impressoras.

Sendo uma máquina desenhada para a realização de operações curtas, a perda de tempo é evitada graças a um sistema de permutações rápidas de trabalho, como os rolamentos de desengate rápido do cilindro e dos rolos de tinta, o tipo do mecanismo de elevação do cilindro incorporado na impressora, um dispositivo de retrocesso rápido adaptado a cada uma das unidades impressoras. A permuta das pesadas bobinas de alimentação é facilitada por um parafuso de torno motorizado, enquanto aríetes ejetores se encarregam de retirar as bobinas impressas, montadas ao nível do solo.

Para eliminar as variações de registro quando a Flexopress começa a funcionar, os rolamentos dos cilindros dos tipos são equipados com um sistema de deslocamento hidráulico automático, que funciona horizontalmente. O registro pode ser regulado longitudinal e lateralmente com a máquina em funcionamento. Revestidos com borracha, os rolos condutores têm propulsão contínua a velocidades lentas preestabelecidas. Os rolos de tinta trabalham no interior de depósitos de tinta de aço inoxidável, totalmente fechados. O cilindro impressor de aço, de 1,9 m de diâmetro, funciona sobre rolamentos de agulhas de fileira dupla, de manga cônica, travados hidráulicamente. Sendo do tipo invólucro, presta-se para a refrigeração a água. Um único carro maior de engrenagem, montado diretamente no tambor, engrena-se com os carretos dos cilindros e evita as folgas. Um sistema pneumático carrega os rolos de aperto do cilindro impressor principal e o de resfriamento.

Acompanham a máquina um motor de impulsão principal, de velocidade variável, de motores de marcha lenta para carregar as bobinas de alimentação e acionar os rolos de tinta, impulsão automática hidráulica de deslocamento dos rolos e de fixação das unidades impressoras.

A NOVA REALIDADE MINEIRA: CELULOSE

Num empreendimento que demandará investimentos da ordem de US\$ 127 milhões, a Companhia Vale do Rio Doce e um grupo de dez empresas japonesas ligadas ao setor de celulose e papel firmaram hoje o contrato de criação em Minas Gerais, da "CENIBRA — Celulose Nipo-Brasileira, S. A.", que a partir de 1976 estará produzindo 750 toneladas diárias de celulose de fibra curta, exclusivamente para exportação, proporcionando divisas da ordem de US\$ 50 milhões.

Segundo revelações feitas pelo presidente da Vale do Rio Doce, Raimundo Mascarenhas, "esta é a primeira de uma série de fábricas a serem implantadas nas regiões do médio e baixo rio Doce, onde nos próximos dez anos serão efetivados investimentos da ordem de US\$ 1 bilhão e que colocarão o Brasil como primeiro país a produzir polpa em escala de exportação". À cerimônia — marcada pela explosão de um "flash" que assustou a todos e deixou um forte mau cheiro em todo o gabinete do ministro das Minas e Energia — compareceram os ministros da Fazenda, da Indústria e do Comércio, do Planejamento, da Agricultura e os presidentes do Banco do Brasil, Banco Central e BNDE, além do governador Rondon Pacheco, de Minas Gerais.

A FÁBRICA

Será instalada no município de Belo Oriente (região do médio rio Doce, entre as cidades de Ipatinga e Governador Valadares), em Minas Gerais, a CENIBRA começará a ser construída no segundo semestre deste ano e as obras se estenderão por um período de aproximadamente trinta meses. Seu capital será de Cr\$ 160 milhões, cabendo à Vale do Rio Doce o controle acionário, com 51%.

O grupo nipônico está representado pela Japan Brazil Pulp Resources Development Ltd. (JBP), cujo presidente, Fumio Tanaka, se fez presente à assinatura do contrato. Além dos dez maiores produtores nipônicos de polpa e de papel e cujo faturamento anual atinge a US\$ 2,5 bilhões, participa ainda da JBP a C. Itoh e Co., uma das maiores "trade companies" do Japão, com faturamento anual superior a US 10 bilhões.

PILOTO

Ao falar sobre o empreendimento, Fumio Tanaka salientou que se tratava de uma experiência pioneira, não apenas no Hemisfério Sul, visto que até aqui apenas no Norte se produzia polpa, mas de todo o mundo, pois será o primeiro a efetivar a produção através da madeira de eucalipto. Disse ainda que a meta final é exportar, daquela região, 6 milhões de toneladas em cavaco de madeira ou em forma de polpa.

Proveniente dos maciços florestais existentes e em formação na região do médio rio Doce, a madeira de eucalipto será a principal matéria-prima da nova indústria. A área reflorestada total necessária ao seu abastecimento deverá atingir a 50 mil hectares, com um consumo anual de aproximadamente 11 milhões de árvores.

O presidente Médici recebeu hoje, no Palácio das Laranjeiras, um grupo de empresários japoneses (do grupo C. Itoh), que participam do projeto de uma fábrica de papel e celulose na cidade mineira de Ipatinga e que produzirá 900 toneladas de celulose branca por dia, o dobro da produção da maior fábrica brasileira do produto.

Os empresários foram levados ao Palácio

pelo governador Rondon Pacheco, pelo ministro Antonio Dias Leite, das Minas e Energia, e pelo presidente da Companhia Vale do Rio Doce, Raimundo Pereira Mascarenhas. Na ocasião, o presidente da República ouviu um relato detalhado do projeto, que exigirá um investimento da ordem de Cr\$ 120 milhões.

A construção da nova fábrica será iniciada no próximo ano e a produção de celulose será dedicada, basicamente, à exportação, segundo revelou o ministro Dias Leite, após o encontro. Do consórcio nipônico fazem parte as dez maiores produtoras de celulose do Japão. A fábrica será montada no distrito de Belo Oriente, em Ipatinga e vai utilizar o eucalipto como matéria-prima.

Sobre o projeto de extração de minério de ferro da serra dos Carajás, cujo investimento é de ordem de US\$ 800 milhões, Dias Leite explicou que o projeto de geologia já ficou pronto em janeiro e que, há um mês a Vale do Rio Doce e a Companhia Norte Americana United Steel discutiram o problema de transporte do minério, acertando que ele será por ferrovia até o porto de Itaqui, no Maranhão. A extração de minério de ferro será iniciada dentro de quatro anos e a produção inicial será de 10 milhões de toneladas anuais, elevando para 60 milhões a produção brasileira.

OZALID COMPRA 49% DA LEMAC, TEUTO-BRASILEIRA

A Ozalid disse estar pagando 11.000.000 cruzeiros a vista e prestações no total de 483.333 dólares estadunidenses por uma participação de 49 por cento numa companhia teuto-brasileira recentemente formada.

A companhia é a Lemac Empreendimentos S. A., um grupo que mantém posição de liderança no mercado brasileiro de equipamentos de materiais copiadores e artigos para escritórios.

REDUZIDA A ALIQUOTA PARA A IMPORTAÇÃO DO PAPEL DUPLEX

Em reunião realizada entre o Conselho de Política Aduaneira, Sindicato das Indústrias Gráficas e Sindicato das Indústrias de Papel, ficou decidida a redução da alíquota para importação do cartão duplex próprio para embalagens e papel, visando o suprimento do mercado interno que está passando por uma fase considerada crítica pelas entidades de classe.

O sr. Antonio Penna, secretário geral da Associação Brasileira da Indústria Gráfica afirmou que também a exportação, em grande escala, da pasta mecânica (matéria-prima para a fabricação do cartão duplex) está prejudicando as indústrias, notadamente a farmacêutica. Os industriais decidiram durante a reunião com o CPA, que há necessidade de se abrir nova fábrica, a funcionar em outubro deste ano, para a

produção do cartão duplex, a fim de suprir as exigências nacionais.

Segundo dados da CACEX, a exportação de cartão duplex cresceu bastante no último ano: em 1971 foram exportadas 31 mil resmas; em 1972, 120 mil e somente no primeiro semestre deste ano, mais 120 mil. Durante o ano passado o mercado permaneceu raxoavelmente estável, mas a partir do princípio deste ano, houve um desequilíbrio em face da grande procura internacional. Também a exportação de celulose, através de grupos estrangeiros que investem no Brasil, torna o mercado carente pois, numa segunda etapa, o Brasil compra o papel mais caro no Exterior.

A falta de papel de imprensa, que pode ser considerada mundial, deve-se ao esgotamento das reservas naturais de celulose, disse o sr. Antonio Penna. No próximo dia 12, será feita nova reunião entre o CPA e o Sindicato de Indústrias de Papel, para debater o problema da falta de papel no mercado nacional.

PAPELÃO ANDULADO NA LIDERANÇA DO NOSSO MERCADO DE EMBALAGEM

Com uma capacidade de produção instalada mensal em torno de 90 milhões de m², o que significa cerca de 66 mil toneladas de papel, o papelão ondulado assumiu a liderança do mercado brasileiro de embalagens. Das 37 fábricas (cinco em fase de implantação), sete são totalmente integradas, com atividades desde o reflorestamento até a expedição da caixa; vinte delas são semi-integradas, e as demais estão se abastecendo exclusivamente do mercado interno. Existe ainda relativa capacidade ociosa no setor, devido em parte à falta de matéria-prima.

Estes dados foram levantados pelo Grupo de Papelão Ondulado na Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose. Segundo Roberto Nicolau Jeha, coordenador do grupo, a taxa de crescimento na capacidade de produção industrial é ligeiramente superior ao crescimento do PIB, previsão válida também para os próximos anos.

EXPORTAÇÕES

Essa perspectiva otimista do setor de embalagens de papelão ondulado, que hoje consome cerca de um terço do papel fabricado do Brasil, se fundamenta em vários pontos. Um deles, e o que vem despertando maior interesse tanto dos fabricantes como do Governo, é o mercado de exportação dos artigos horti-fruti-granjeiros embalados em caixas de papelão ondulado. Mas, para se conseguir um preço competitivo, em função das exigências internacionais, Roberto Nicolau Jeha acha "necessário que o Governo dê às indústrias de papelão a mesma isenção fiscal que dá a outros setores, medida que aplicada recentemente, teve muito sucesso na embalagem da banana exportada através de

Santos, mas que deveria se estender a outros produtos tais como: laranja, abacaxi, etc."

MERCADO

O mercado de embalagens, tanto interno como externo, cresce dia a dia, principalmente para produtos horti-fruti-granjeiros. Indústrias Klabin, Rigesa, J. Costa Ribeiro, Matarazzo, São Roberto e outras sentem-se incentivadas em virtude da evolução econômica do País estar aliada à crescente conscientização dos produtos para o uso cada vez maior de embalagens de papelão. Essa tendência é universal, pois os importadores estrangeiros passaram a exigir, em sua maioria, esse tipo de embalagem. E o Brasil oferece condições de expansão para essa indústria: o formidável impulso do reflorestamento assegurará farta matéria-prima para o seu desenvolvimento.

ESTUDO

Neste ponto, destaca-se um estudo recente realizado pelo Grupo de Trabalho da APFPC: com a mesma madeira usada numa caixa de determinado tamanho, podem-se fabricar seis caixas de papelão do mesmo tamanho e das mesmas características. Isto quer dizer que uma árvore permite produzir seis vezes mais quando usada para fabricação de caixas de papelão, trazendo um aproveitamento muito maior da matéria-prima, além das vantagens de peso e apresentação. Um outro fator positivo é a reciclagem do papelão, ou seja: o seu reaproveitamento para a fabricação de novas caixas, permitindo a eliminação total dos resíduos e evitando a poluição.

FALTA APOIO

Durante seminário realizado no BNDE, abordando o assunto celulose e papel, Horácio Cherkassky, presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose declarou que "a vinda de grupos estrangeiros para o Brasil representa, no limite de nossa atual política econômica, uma cooperação para o desenvolvimento e progresso do Brasil e que deve ser recebida como uma colaboração positiva. Contudo, não se pode deixar de reconhecer que, se forem dadas ao empresário nacional as mesmas condições básicas de financiamento e tecnologia de que dispõem os grupos estrangeiros, estaremos em condições de poder, também, realizar empreendimentos de alto nível em plena condição de concorrência com o mercado internacional".

Esclareceu ainda que "procuramos demonstrar que os tradicionais produtores de papel e celulose instalados no Brasil devem ter todas as condições para efetuar empreendimentos de envergadura no setor, bastando para isso que recebam apoio oficial, como o que foi oferecido pelo BNDE. Numa reunião realizada posteriormente com o ministro Delfim Netto, da Fazenda, constatamos a plena atualização desse Ministério no objetivo de dar à indústria do papel e celulose ampla cobertura econômico-financeira".

NOVOS PROJETOS ASSEGURAM AUMENTO CONTINUO DA OFERTA

Em 1973, o Brasil alcançará uma capacidade nominal de produção da ordem de 1.800.000 toneladas de papel e 1.150.000 toneladas de celulose (principal matéria-prima para o papel), através de 135 fábricas de papel e 42 de celulose, das quais a maioria (60%) está concentrada em São Paulo e no Paraná. Destas, 46 são associadas ao Sindicato da Indústria do Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel no Estado de São Paulo e da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose.

Com o aumento de produção, poderá ser expandido o ainda inexpressivo índice de consumo de papel per capita no Brasil, que é de 16 quilos por habitante ao ano, contra 24 no México, 40 na Argentina e 271 nos Estados Unidos (maior consumidor).

Poderá também ser diminuído o volume de importações suplementares à produção nacional, que não fornece ao consumo alguns tipos de papel, principalmente o destinado à impressão de jornais. Neste setor, a situação é especialmente delicada: as importações acabam também desestimulando a produção nacional, já que o produto brasileiro — que necessita de vultosos investimentos — teria de competir com

o artigo estrangeiro, que tem mercados cativos e sólida posição internacional, o que significa melhores condições comerciais.

Poderão ainda ser ampliadas as exportações de papel brasileiro, que já tem ensaiado negócios nesse setor, especialmente na área da Associação Latino-Americana de Livre Comércio, onde pode oferecer bons preços e recebe tratamento alfandegário especial e custos de transporte relativamente baixos.

Da primeira fábrica brasileira de papel, construída entre 1809 e 1810, e que começou a produzir em 1811 usando fibras vegetais como matéria-prima, o setor evoluiu hoje para 135 indústrias, que vem mantendo nos últimos 10 anos, taxas de crescimento anuais superiores aos da produção total do País.

Há tendência para constante aumento de produção, estando previstas para este ano mais 191.520 toneladas adicionais, decorrentes dos planos de expansão industrial já aprovados e em andamento em áreas oficiais, especialmente no Conselho do Desenvolvimento Industrial. A previsão da capacidade nominal instalada, calculada pela Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose para os próximos anos indica, a partir das 1.797.824 toneladas esperadas para 1973, 2.035.424 toneladas em 1974 e 2.066.024 toneladas em 1975.

PAPEL: PREVISÃO DE PRODUÇÃO

Ano	Impressão	Escrever	Embalagem	Industriais e outros	Cartões Cartolinas	Total
1973	334.398	261.694	804.095	113.259	284.378	1.797.824
1974	364.198	288.774	959.615	138.459	284.378	2.035.424
1975	364.198	288.774	990.215	138.459	284.378	2.066.024

Discriminando por tipo de papel, os aumentos previstos para este ano na produção de papel serão: 3.600 toneladas de papel para impressão; 69.120 toneladas para embalagem;

113.400 toneladas de cartões e cartolinas; 5.400 toneladas de papéis industriais e de outros tipos.

Fábrica de Sacos de Papel e Papéis Estampados - Papéis Fantasia - Papéis em Geral e Barbantes



Representantes da
S. A. IND. VOTORANTIM
Papel Transparente Votocel

FITAS SCOTCH  DISTRIBUIDORES

CIA. JORGE - MENDES DE PAPÉIS E ARTEFATOS

RUA MARIA RODRIGUES, 51/57 — TELEFONE: 230-6105 — RIO - GB

noticias da anave

REUNIÕES 113 E 114 — MÊS DE JUNHO/1973 DESTAQUES

DIRETORIA EXECUTIVA

- 1 — REALIZAÇÃO DO CHURRASCO
- 2 — CRIAÇÃO DE UMA DIRETORIA ADJUNTA:
 - Diretor Técnico Cultural
 - Diretor de Divulgação
 - Diretor de Patrimônio
 - Diretor Relações Públicas

REUNIÕES 115-116-117 — MÊS DE JULHO/73 DESTAQUES

- 1 — CRIAÇÃO DA REGIONAL DE PÔRTO ALEGRE — Delegados Regionais: Lígia Petersen - Armando Scheineder
- 2 — CONVITE ÀS ASSOCIAÇÕES À PARTICIPAREM DO II SEMINÁRIO
- 3 — AQUISIÇÃO DA ASSINATURA DE "O ESTADO DE SÃO PAULO"
- 4 — APROVAÇÃO DA UTILIZAÇÃO DA NOSSA SEDE PELO SINDICATO DO COMÉRCIO ATACADISTA DE PAPEL E PAPELÃO DE SÃO PAULO
- 5 — ENVIO DE CARTAS SOBRE O CURSO "A importância da qualidade do papel na indústria de transformação, a todos os nossos representantes e fabricantes de papel.

REUNIÃO 118 — MÊS DE AGOSTO DE 1973 1 — MUDANÇA DE FUNÇÕES VERIFICADA NA DIRETORIA ADJUNTA:

Diretor de Divulgação — Antonio Carlos Clemente da Silva

Diretor de Relações Públicas — Mário Silvestre

Diretor de Patrimônio — Pedro Massuia

2 — DESCENTRALIZAÇÃO DE FUNÇÕES NA CÚPULA DIRETIVA DA ANAVE

Sr. Feijó — Tesouraria e Secretaria

Sr. Ciro — Divulgação, Relações Públicas, Cultural e Técnico, Patrimônio

3 — ESTUDOS ESTÃO SENDO FEITOS PARA A REALIZAÇÃO DE UM CURSO DE ALTO NÍVEL

No campo administrativo e comercial

DUPLEX

DUPLEX COATING

BRISTOL

Comp. de Papeis e Papelão

"YAZBEK"

CHURRACO NA ANAVE

Com a presença de aproximadamente 120 associados, familiares e convidados, foi realizado em nossa sede social mais um e tradicional churrasco de confraternização.

Em ambiente de muita animação e alegria, os novos sócios puderam sentir o clima de confraternização que reina em todas as promoções sociais da associação, que paralelamente a estas, procura incentivar cada vez mais a aproximação de seus associados.

METROPOLE

COMÉRCIO DE PAPÉIS LTDA.

PAPÉIS POR ATACADO PARA:

- ESCRIVER
- IMPRESSÃO
- EMBALAGEM

EXCLUSIVIDADE:

LINHO "PROTETOR" INFALSIFICÁVEL

RUA 21 DE ABRIL, 287/291 — CAIXA POSTAL 10.514 — BRÁS
FONES: PABX 93-0576 — GERÊNCIA 292-6445 — CEP 03047 — S. P.

BUONANNO MARINO S.A.

DISTRIBUIDORA DE PAPÉIS

Depósito:

RUA 21 DE ABRIL, 695

Fones: 93-1156 - 93-1157 - 93-1158

Escritório e Vendas:

RUA DO HIPÓDROMO, 316

Fone: 92-8287 — SÃO PAULO



ALGUNS FLAGRANTES DO CHURRASCO



O churrasco preparado pelo "nosso mestre cuca", o diretor social José Tayar, foi muito apreciado pelos presentes, que não se cansaram em tecer elogios ao seu preparador.

Como no momento estava sendo televisionado o jogo Brasil x Suécia, providenciamos a instalação de nosso aparelho de TV, bem como acomodações para os presentes em local apropriado ficando o mesmo imediatamente repleto de assistentes.

Contente com a repercussão de suas iniciativas, a diretoria da ANAVE promete para breve mais algumas novidades para seus associados.



PATROCINADORES

N.º - 018 - **CARVALHO S/A COMÉRCIO DE PAPÉIS**
Rua Luiz Gama, 748/756 - SP

SÓCIOS

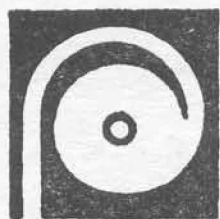
- N.º 336 - A - **WALTER A. PETERSEN**
Walter A. Petersen
R. Vigário José Inácio, 216 - 3.º
Porto Alegre - RS
- N.º 337 - C - **LUIZ CARLOS BORGES**
Projetos Celulose
Av. Boa Viagem, 5858-A-401 -
Recife - PE
- N.º 338 - A - **PAULO LOPES AZEVEDO**
Fáb. Papel Santa Terezinha
Rua Acarati, 275 - SP
- N.º 339 - A - **JOHAN P. J. JANSSEN**
Cocelpa - Cia. Celulose de Pa-
pel Paraná
Rua Tagipuru, 235 - 5.º andar -
Cj. 55 - SP
- N.º 340 - A - **NERI JOÃO BASSO**
Cia. Industrial Celulose e Papel
Guaíba - CELUPA
Rua da Conceição, 195 - 1.º -
Porto Alegre - RS
- N.º 341 - A - **ARMANDO SCHNEIDER**
Ind. Gráfica Embalagens S/A
Av. dos Gauchos, 443 - P. Minua-
no - Porto Alegre - RS
- N.º 342 - A - **IVAN RUBENS PINHEIRO**
Comércio Celulose e Papel S/A
Ltda.
Rua Cachoeira, 267 - SP
- N.º 343 - A - **GILBERTO MAURO PINHEIRO**
Comércio Celulose e Papel S/A
Ltda.
Rua Cachoeira, 267 - SP
- N.º 344 - A - **GUIDO LA MOTTA**
Latri S/A - Indústria de Artes
Gráficas
Rua Independência, 390 - SP
- N.º 345 - C - **FLAVIO PANTUZO**
Papéis Pama
Rua Joel Jorge de Mello, 404 -
SP
- N.º 346 - A - **ITAMAR MARTINS DOS SAN-
TOS**
Rua Emilio Ferreira, 123 - Araras
SP
- N.º 347 - A - **WELLINGTON DA SILVA**
Editora Aimara Ltda.
Av. Duque de Caxias, 963 - Pelo-
tas - RS
- N.º 348 - A **ANTONIO CARLOS SODERI**
ASPAG - A São Paulo Artes Grá-
ficas Ltda.
Av. Bosque da Saúde, 2031 - SP

PATROCINADORES

N.º 019 **WALDOMIRO MALUHY & C'A.**
Rua Gasômetro, 931 - São Paulo
SP

SÓCIOS

- N.º 349 - A - **ALCIBIADES RUIZ**
Gráfica Gasparini S/A
Rua Cesário Alvim, 643 - São
Paulo - SP
- N.º 350 - A - **SYDNEI SOUZA NEGRÃO**
Ind. Papel Santista
Largo São Bento, 64 - 4.º andar
São Paulo - SP
- N.º 351 - A - **PEDRO ALENCASTRO GUIMA-
RÃES NETTO**
Norpaper
Rua Luiiana, 3z01 - São Paulo -
SP
- N.º 352 - C - **ANTONIO GOMES**
Gomes Marcondes Gráfica Edi-
tora Ltda.
Rua Muniz de Souza, 594 - São
Paulo - SP
- N.º 353 - A - **WALDEMAR DE CARLOS MAR-
QUES**
Cia. Melhoramentos de S. Paulo
Rua Tito, 479 - São Paulo - SP
- N.º 354 - A - **TULIO PASELI**
GEBE Com. e Ind. Gráfica Ltda.
Rua Guarapuava, 136 - São Pau-
lo - SP
- N.º 355 - A - **LAÉRCIO LICO**
GEBE Com. e Ind. Gráfica Ltda.
Rua Guarapuava, 136 - São Pau-
lo - SP
- N.º 356 - A - **BENEDITO FRANCO DE OLIVEI-
RA**
GEBE Com. e Ind. Gráfica Ltda.
Rua Guarapuava, 136 - São Pau-
lo - SP
- N.º 357 - A - **REYNALDO DEL PEZZO**
Império Com. de Papéis
Rua Jarínú, 62 - São Paulo - SP



PAPIRUS,

INDÚSTRIA DE PAPEL S. A.

Rua Clímaco Barbosa, 578 — 01523 — São Paulo
Tels.: 278-6409 — 278-6765 — 279-4051 — 279-0303

DUPLEX — TRIPLEX — CAPA P/ ONDULADO

CARTÃO P/ FÓSFOROS — MACULATURA

T. KRAFT — T. STRONG — PM — JMS

FABRICAS EM LIMEIRA E CORDEIRÓPOLIS

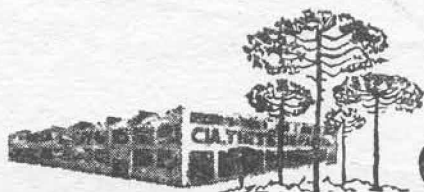
GRETISA

QUALIDADE EM PAPÉIS



Grepaco INDUSTRIA MANUFATORA DE PAPEIS S.A.

ENVELOPES E ENVELOPES-SACOS PARA TODOS OS FINS
ALMAÇOS E OUTROS ARTEFATOS DE PAPEL



CIA. *Tietê* DE PAPÉIS

PAPÉIS, CARTÕES E CARTOLINAS POR ATACADO

MATRIZ: Av. Automóvel Clube, 909 — Inhaúma —
C.P. 2716 — Mesa Telefonica: 281-7222
— Vendas: 281-6629 e 281-1369 — Rio de
Janeiro — Est. da Guanabara.

FILIAL: Rua Luiz Gama, 803 — Cambuci — S. Paulo
— Telefones: 278-5386, 278-8166, 278-8615
e 278-8483 — S. Paulo — Est. de São Paulo.



INDÚSTRIAS DE PAPEL SIMÃO S.A.

Rua do Manifesto, 931 - Caixa Postal 172 - CEP 04209 - São Paulo - Brasil
Av. Nilo Peçanha, 50 - 25º andar - Conj. 2506 - Rio de Janeiro - GB - Brasil

UMA LINHA COMPLETA DE PRODUTOS

A linha de produção da Simão está em condições de satisfazer a quase todas as necessidades dos consumidores de papel e cartão. Além dos produtos tradicionais, que são fabricados regularmente nas três unidades fabris da companhia, outros tipos vêm sendo continuamente desenvolvidos, para atender a novas solicitações do mercado brasileiro e internacional.

Rado